

ALOCUÇÃO PANEGÍRICA AOS FORMANDOS **Proferida em 14/10/2004 pelo Prof. H.M. de Oliveira**

Paraninfo da Turma de Engenheiros do Centro de Tecnologia e Geociências
Formandos UFPE de 2004.1. Turma: 110 Anos de Engenharia

Representante do Magnífico reitor da UFPE, também representando o Ilmo Diretor do CTG, demais membros da mesa e autoridades presentes. Colegas professores. Meus senhores, minhas senhoras. Caros formandos. É um privilégio indescritível e um autêntico prazer para mim, conduzir as mais calorosas congratulações aos meus novos colegas de profissão, os Engenheiros 2004, egressos desta casa. Dividamos pois a exultação e um imenso júbilo: formandos, progenitores e parentes, mestres e funcionários. Investindo-me como paraninfo dos construtores do futuro e propulsores da sociedade, concedei o mais prestigioso laurel outorgado a um lente. Causa-me, contudo, um misto de estranheza e ventura, a vossa opção. Devo iterar que não detenho posses que abonem tal escolha; nem em meus cabelos, reflito a experiência habitualmente requerida. A tarefa do professor é despertar a alegria de trabalhar e conhecer. Se hoje me encontro na qualidade de paraninfo, razão ainda que menor, há de haver! Por tantos e quantos catedráticos tivestes vós a regalia ou desventura de cruzar? Façamos pois um *cálculo aproximado*: um curso com dez períodos, com média de sete disciplinas por período, totaliza mais que uma meia centena de docentes. Isto permite aquilatar o quanto nós, paraninfos, valorizamos tal honraria. Rogo-vos pois que acrediteis na lisura da nossa gratidão. Ocorre-me então a citação de Saint-Exupéry¹ «*tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé*». Decerto os demais homenageados vos guardam sentimentos similares. Coube-me contudo a intrincada tarefa de vos saudar, embora sabedor que mais de um espírito eminente a exerceria melhor. Não obstante, acolho esta incumbência com carinho e orgulho. Mas uma boa aula de ciência e engenharia me seria mais fácil. O cientista busca conhecer *como o mundo funciona*, enquanto que o engenheiro *põe esse conhecimento científico em uso* (conjuguemos o verbo 'engenheirar').

Espera-se inconscientemente uma apologia aos Engenheiros, à Ciência e a sua influência benéfica na humanidade². A tecnologia avança avassaladora. E todos aquiescem unânimes, a cada dia a passos mais céleres. Mas, não seriam as nossas incertezas igualmente pertinentes do que aquelas induzidas por Shakespeare, ao aludir o memorável “*Ser ou não ser*”? Cabe refletir: “Para que a Tecnologia?”. Afinal, as latentes inquietações do âmago nos foram quase sempre indistintas... Imaginai porém ter um filho (ou progenitora) necessitando com urgência de uma tomografia computadorizada. Almejai apoiar alguém longínquo, sem dispor das Telecomunicações, ou episódios do gênero. Senhores, a tecnologia *per si* é completamente neutra, fria. Nem boa, nem má. Cabe a nós a deliberação derradeira. Façamo-la profícua! Mas a ocasião é favorável para vos expor que, em nenhuma hipótese, devemos admitir que o temor que se abuse da Ciência leve à proibição do conhecimento.

¹ “Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas”

² (se bem com faculdade de ser maléfica...)

N.B. As citações não foram introduzidas como demonstrativo de erudição, mas por serem oportunas.

Turma do centésimo décimo ano da Engenharia em Pernambuco! Parece-me impraticável cobrir a multiplicidade de temas oportunos para abordar numa alocução como esta. Tópicos como “o perfil do engenheiro para o Século XXI”, “Ética e responsabilidade social” ou “o Engenheiro na sociedade contemporânea” poderiam ser magnificamente desenvolvidos. Cabe uma escolha. Eu não pretendo traçar pretensos cenários do que vos aguarda, menos ainda ministrar recomendações comportamentais, hodiernamente em voga. Conselhos prosaicos para o sucesso garantido: “Seja o melhor”, ou “como se tornar um vencedor”! Coisas do *American way of life*. Não, meus caros. *Vanitas* (vaidades). Regras freqüentemente apócrifas. Ao invés de uma apologia à cultura do vencedor, gostaria de improvisar um elogio sincero à individualidade – Cada qual tem sua trajetória própria, peculiar. Bravíssimo ao laureado de turma: não menos àquele que afrontou contratempos quase intransponíveis para a sua envergadura. Ainda que me considere de precária competência para vos aconselhar, ousou, **por dever do ofício**, expor parcos aconselhamentos, sem vultosas expectativas. Não pauteis vossas carreiras de engenheiro pelo sucesso, cargos ou ganhos; ao invés disso ponhais a maior emoção e vida em vossa profissão. Matematicamente, *é condição necessária, porém não suficiente*, amar o que se faz. Jamais sereis plenos, se não estais contentes com o que fazeis. Perseverar, persistir, insistir e uma pitada de audácia para fugir dos “caminhos batidos”.

Agora, mais do que nunca, fazeis parte da elite intelectual. Mas o que *de facto* é relevante? O que estaremos nós improvisando em nossa passagem? O que significa existir? Como um fósforo, acendemos, brilhamos e ao cabo de tudo, apagamo-nos. Interagir, eis a chave. Interação entre pessoas. Resta pouco de nós em cada um que influenciámos. Os filhos são invariavelmente os mais notáveis. A resposta não é “eles são o nosso sangue”, (mas porque permanece neles muito de nós). Ora, conservamo-nos também parcialmente em tantos outros... Daí nossa satisfação de ter influído em vossas vidas.

Agrada-me de modo singular, a abordagem do etnólogo e escritor francês Georges Bataille. A vida se caracteriza por uma sucessão errática de descontinuidades, intercalada por estações de continuidade. As cerimônias são características de ocasiões decisivas, que marcam as descontinuidades. Na roda viva, todos os dias afiguram-se análogos. Cabe-nos marcar as descontinuidades. Exemplos destas situações incluem a natividade, o batismo, formatura de ABC, o namorado, o vestibular, a primeira relação, a formatura, o casamento, nascimento de filhos, até o óbito. Discorro sobre descontinuidade na linguagem de engenheiros. O comportamento de uma função derivável sofre pontualmente uma singularidade e passa a adotar um comportamento distinto. *Rompe-se um ciclo!* Hercúlea jornada e quanto mérito ela careceu! Asseguro à audiência que árdua foi a empreitada. Doravante, vós sereis engenheiros, em cada nobre e particular modalidade da engenharia. O quanto brotou e quanto aqui foi edificado! Decerto, experimentais agora uma nostalgia da continuidade perdida. Uma atmosfera de saudade, uma incerteza e uma cobiça inquietante de desafio e porvir. É ainda ocasião para memórias, tanto para vós, quanto para mim. As nossas lembranças estão avivadas e fluem em *flash-back*, como num curta-metragem. De minha parte, tento esquivar-me e sem sucesso, transporto-me a 1980. Emergindo de um letargo, vejo-me tomando assento, idealista e púbere como vós, partilhando a felicidade de conquistar um título de Engenheiro. Ah!, eu conheço a sensação. Inquietando-se com o futuro. Sim, o futuro. A incerteza e inquietação. Importa uma mensagem tranqüilizadora: Quaisquer

que sejam as vossas decisões, apesar de conseqüências distintas, provavelmente não conduzirão a caminhos errados, tampouco corretos, apenas díspares.

Valho-me também desta ocasião para externar minha apreensão. Nas Instituições Federais de Ensino Superior, há uma transformação em marcha... A ordem do dia impõe novos padrões. Soam prodigiosos, todavia não cuidemos de máscaras. Assistimos, entorpecidos, a 'desconstrução' das instituições federais de ensino superior, um processo semelhante àquele advindo com o ensino fundamental, décadas atrás. Praticamente não há carreira docente, nem reposição adequada dos quadros funcionais. Greves reiteradas e calendários acadêmicos estapafúrdios. A excelência acadêmica anda ameaçada; atividades ditas empreendedoras, freqüentemente eclipsam o autêntico magistério. Traduzindo fielmente o paradigma inexorável aos gestores e órgãos de fomento no mundo inteiro, o cientista francês Jaques Testard constata: «*Não é possível fazer ciência de forma independente. Não existe mais a vontade gratuita de obter conhecimento. Toda pesquisa tem finalidade, que é buscar inovações. Uma experimentação permanente, alimentada pelo mercado, em nome do progresso*». Permitais corrigir a assertiva: *quase em extinção*. Vejo em mim espelhado, crepúsculos tênues do principal protagonista na ficção "Admirável mundo novo", de Aldous Huxley. Um docente sem empresa é um reles professor, pouca valia possui. O vocábulo fica relegado aos técnicos de futebol: os novos agentes são ditos "gestores avançados do ensino". Por tudo isto, meu tirocínio persiste assombrado com a ênfase nas aparências, possibilitando a literal aplicação do adágio *ut aliquid fieri videatur*³. A universidade brasileira é a derradeira atingida pela inovação política: *o sistema de cotas de vagas*. A Universidade afastar-se de constituir local para a elite intelectual e desanda a um balcão de "ajuda social"! O cerceamento em qualidade lhe será correspondente.

Queridos engenheiros. Aqui na universidade, vós vivestes episódios inesquecíveis; conquistastes conhecimentos e coletastes legítimos amigos. Quantas vezes, em face de vós, defendi apaixonadamente esta instituição! Tomando a liberdade de me expressar pelos demais colegas, nós que tivemos o privilégio de vos acolher, asseguramos que a casa em que ora vos graduais, ininterruptamente será a vossa (casa). Permitais que remate congratulando-me aos vossos pais, artífices basais desta vitória, com o sincero anseio de copiosas conquistas profissionais e pessoais a cada um de vós. Se estiverdes felizes e vossa família altiva, nós da UFPE nos confessamos co-participes. Ides determinados, orgulhosos, porém sem alarde, em busca do futuro, sempre construindo e 'engenheirando'... Afinal, *o vento da biografia de cada um de nós sopra sempre tempestivamente*. Parabéns, queridos ENGENHEIROS.

MUITO OBRIGADO!

³ (para dar a impressão que se faz algo).